

***Caminhando como senhoras: interações sociais  
e performatividade de gênero de travestis  
idosas na cidade do Rio de Janeiro***<sup>1</sup>

*Walking like ladies: Social interactions and  
genre performativity of elderly transvestites  
in the city of Rio de Janeiro*

**Monica S. Siqueira**

*Doutora em Antropologia Social (UFSC)  
nic.siqueira@gmail.com*

6

## Resumo

Este artigo tem como objetivo abordar as experiências cotidianas e as construções de gênero de travestis idosas residentes na cidade do Rio de Janeiro. A proposta visa salientar as “artes de saber e fazer” e as “táticas e astúcias” (DE CERTEAU, 2008) através das quais as travestis foram conquistando seus espaços e territórios, seu direito de ir e vir, formando redes de sociabilidades e, portanto, configurando um sentido de “ser” e “estar” na cidade e na sociedade. Além disso, intenciona refletir sobre o complexo jogo de negociação da realidade envolvendo o fenômeno da travestilidade no âmbito das metrópoles brasileiras e da sociedade moderno-contemporânea. À medida que envelhecem, as travestis reivindicam a “identidade de senhora”, assim, como “senhoras”, elas interagem com outros sujeitos em suas práticas cotidianas. O fato de ser “confundida como senhora” em suas interações sociais é percebido como um *status* perante o grupo e, num sentido mais abrangente, perante a sociedade.

Palavras-chave: Travestis. Envelhecimento. Cidade. Gênero.

## Abstract

This article aims to address the everyday experiences and gender constructions of elderly residents transvestites in the city of Rio de Janeiro. The proposal is to note the “arts of knowing and doing”, the “tactics and gimmicks” (DE CERTEAU, 2008) through which the transvestites were winning their rooms and territories, forming networks of sociability, winning their right to come and go, and thus setting up a sense of “being” in the city and society. So reflect on the complex game of negotiation of reality involving transvestites within the Brazilian metropolis and modern-contemporary society. As they age, transvestites claim the “identity lady” and are like “ladies” who they interact with other individuals in their everyday practices. Being “mistaken as lady” in their social interactions is perceived as a status with the group, and, in a broader sense, to society.

Keywords: Transvestites. Aging. City. Genre.

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão extraída do VIII capítulo de minha tese de doutorado, sob orientação da Profa. Dra. Ana Luíza C. da Rocha, intitulada *Arrasando Horrores! Uma etnografia das memórias, formas de sociabilidades e itinerários urbanos de travestis das antigas*, defendida em 2009. O universo de pesquisa foi constituído por nove travestis entre 44 e 68 anos, residentes na cidade do Rio de Janeiro. A maior parte das interlocutoras se identifica como *travestis-artistas* justamente porque atuaram em espetáculos teatrais do tipo Revista e/ou porque trabalham no ramo de *shows* de transformismos, cantando e/ou dublando cantoras nacionais e internacionais. Na época da pesquisa, trabalhavam no ramo artístico concomitante a outras atividades profissionais, sendo que algumas delas em diferentes momentos de suas vidas também exerceram a prostituição. Gostaria de agradecer as contribuições da Profa. Ana Luíza C. da Rocha, as quais possibilitaram o desenvolvimento de muitos dos argumentos presentes neste artigo.

## Introdução

O antropólogo Don Kulick (2008), em sua etnografia realizada com travestis residentes no bairro do Pelourinho em Salvador/BA, entre os anos de 1996 e 1997, observou:

Quando as travestis se aventuram pelas ruas da cidade durante o dia, é uma sensação que pode provocar desconforto e superexposição em muitas travestis, porque elas sabem, por experiência própria, que as pessoas costumam olhar, comentar e azucrinar tão logo elas colocam os pés para fora do quarteirão onde moram e são conhecidas. Algumas travestis se recusam a ser importunadas no meio da rua e acabaram desenvolvendo línguas afiadas e comportamento agressivo para garantir que a pessoa desrespeitosa receba uma boa resposta em troca. Mas há aquelas que odeiam ter de rebater olhares, piadas e injúrias e preferem evitar locais públicos durante o dia para além da vizinhança e do quarteirão onde moram. Quando precisam fazer compras ou mandar recado a alguém, costumam pagar outras pessoas – em geral senhoras ou travestis mais velhas – para fazer pequenos serviços [...] (KULICK, 2008, p. 229).

Sem se aprofundar em torno dessa questão, o autor parece sugerir que as travestis mais velhas<sup>2</sup> se deslocam com mais “facilidade” pela cidade de Salvador, o que lhes permitiria uma maior circulação pelo espaço urbano, ao contrário das mais novas, que, devido aos receios e medos de se depararem

---

<sup>2</sup> Kulick trabalhou com travestis entre 11 e 58 anos de idade, mas, sem especificar com exatidão o seu panorama etário, deixando a entender que, em seu universo de pesquisa, as travestis eram, em sua maioria, jovens. O autor traça um quadro bastante trágico com relação às travestis com idade entre 40 e 50 anos residentes em Salvador, argumentando que elas, como já não têm as mesmas condições de se manterem na prostituição, procuram outros meios de sobrevivência, engajando-se, por exemplo, no tráfico de drogas, prestando pequenos serviços as outras travestis mais jovens. Dentre as travestis mais velhas, as que se encontram em melhores condições de vida são as que conseguiram juntar dinheiro e compraram casa, alugando-a para as jovens, exercitando o papel de cafetina. Sem desconsiderar a probabilidade de que uma situação como essa possa fazer parte do cotidiano das travestis na cidade do Rio de Janeiro, que tem na prostituição seu principal – em alguns casos, o único – meio de sobrevivência, nas pesquisas que realizei (2004, 2009) me deparei com um quadro distinto desse apresentado pelo autor.

com situações de violência e comportamentos agressivos por parte de outros habitantes, em geral, optam por não se locomoverem pela cidade durante o dia e procuram manter-se dentro dos “limites de segurança” do “quartirão” do bairro onde moram, não se “aventurando” em trajetos por outros bairros e lugares da cidade. Além disso, quando o fazem, optam por utilizarem vestimentas consideradas masculinas, na tentativa de “disfarçarem” seus corpos femininos<sup>3</sup>.

As colocações de Kulick põem em cena a travesti como uma categoria social estigmatizada<sup>4</sup> (GOFFMAN, 1975) no âmbito da sociedade brasileira e como isso “interfere” em suas vidas cotidianas e em suas formas de relacionar-se *com* e *situar-se* na cidade de Salvador, uma das grandes cidades brasileiras. Afinal, o fato de subverterem a ordem binária dos sexos e dos gêneros, tida como natural (PELÚCIO, 2009) no contexto de uma sociedade heteronormativa baseada em uma ideologia patriarcal, as faz lidar com o “estigma” desde muito cedo. Conforme coloca Velho (1976 *apud* GUIMARÃES, 2004, p. 50): “People who, in their behavior, mix up the expectations the different roles (eg. male and female), are considered dangerous in any society and are likely to be accused”. Portanto, ao entender a experiência travesti e/ou da travestilidade como aquela que subverte as normas de gênero hegemônicas, este artigo procura compreender as travestis aqui estudadas sob a perspectiva das relações de gênero, geração, corpo, a partir dos estudos *queer*<sup>5</sup> e dos estudos feministas (BEAUVOIR, 2009; SCOTT, 1990; ROSALDO, 1995; ORTNER, 1979, entre outras), especialmente apoiando-se nas teses formuladas por Judith Butler (2003), que, em sua teoria da performatividade, desconstrói a noção de gênero como atributo cultural depositado sobre um receptáculo natural (o corpo ou o sexo). Para a autora, o gênero é sempre uma construção e não pode ser entendido como expressão de uma essência, ou seja, deve ser visto sempre sob o ponto de vista relacional, como uma relação entre sujeitos socialmente construídos, em contextos especificáveis.

---

<sup>3</sup> Uma tarefa que se torna bem mais árdua para aquelas que, por exemplo, têm próteses e/ou injetaram silicone nos corpos.

<sup>4</sup> Faz-se necessário pontuar que, de acordo com Goffman (1975), não devemos compreender o estigma na sociedade ocidental como um atributo de um indivíduo concreto: o “normal” e o “estigmatizado” não são pessoas, mas perspectivas. Nessa mesma linha de argumentação, ao tratar do desvio, Becker (1977) sustenta que este não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação, por outras pessoas, de regras e sanções a um transgressor.

<sup>5</sup> “*Queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. [...] Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade [...]. *Queer* representa a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (LOURO, 2001, p. 541).

Diante disso, cabe a pergunta: por que as travestis mais velhas circulariam “sem transtornos” pela cidade de Salvador, ao contrário das mais jovens? Elas chamariam “menos atenção”? A “identidade deteriorada” (GOFFMAN, 1975) das travestis se “acomodaria” quando elas envelhecem, passando, assim, “despercebidas”, sendo mais um indivíduo na multidão indiferente e anônima das grandes metrópoles brasileiras na contemporaneidade? Desse modo, delinea-se a questão da velhice também como categoria social estigmatizada em nossa sociedade. Nesse ponto, vale ressaltar que concordo com Lins de Barros (2000, p. 139), quando observa:

A velhice, como estigma, não está necessariamente ligada à idade cronológica. Os traços estigmatizadores da velhice [...] ligam-se a valores e conceitos depreciativos: a feiura, a doença, a desesperança, a solidão, a morte, a tristeza, a inatividade, a falta de consciência de si e do mundo.

No Brasil, por exemplo, desde as últimas décadas, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vêm constatando um vertiginoso aumento da população idosa, tornando o prolongamento da vida uma realidade. Por sua vez, o estado do Rio de Janeiro vem se destacando nas estatísticas como o estado brasileiro que contém a maior proporção de idosos na população total<sup>6</sup>, sendo o bairro de Copacabana o que tem mais concentração desse segmento da população. Um dos primeiros avanços, no que concerne aos estudos sobre velhice, foi o de contrapor a perspectiva que dominava a literatura sobre o envelhecimento – normalmente relacionada ao campo da medicina, biologia e gerontologia – até meados do século XX, que tratava o processo de envelhecimento como uma experiência comum, dissipando suas diferenças de raça, etnia, gênero, classe etc. No entanto, com o advento das pesquisas no campo das ciências sociais, foram sendo expostas as diferentes experiências relacionadas com o processo de envelhecimento (LINS DE BARROS, 1987, 2000; DEBERT, 1988, 1994, 1999; PEIXOTO, 2000a).

O que a literatura antropológica procura destacar é justamente a infinidade de percepções e de formas de viver o processo de envelhecimento. Assim, a própria ideia da idade como algo natural deve ser deixada de lado. Nesse sentido, Debert (2001b) chama a atenção para o fato de que em todas as sociedades podemos encontrar grades de idade, mas, por outro lado, cada cultura possui sua própria maneira de elaborá-las. Por essa razão, é necessário considerar que as diferentes fases do ciclo de vida são socialmente

---

<sup>6</sup> Segundo dados do IBGE, a população de idosos no estado é de 9,9 %, enquanto a média nacional é de 7,3 %.

manipuladas e comportam arbitrariamente características, qualidades, deveres e direitos (DEBERT, 2000b, p. 50-53). Portanto, deve-se ter em conta que a imputação de algumas prerrogativas para determinada fase da vida estará sempre em relação com o que se considera socialmente apropriado para essa fase e não para a outra. Tais prerrogativas mudam ao longo do tempo e não são as mesmas em todos os lugares (ALVES, 2001, p. 9). Assim, compreende-se que o processo de envelhecimento apresenta variações que são constituídas socialmente nos diferentes grupos sociais, de acordo com a visão de mundo compartilhada em práticas, crenças e valores (HECK; LANGDON, 2002).

No entendimento de Lins de Barros (2006a, p. 16), “viver na cidade e viver a cidade são experiências existenciais distintas para as diferentes gerações” e, acrescentaria, para as distintas formas de construir gêneros. Desse modo, o que acontece com as travestis mais velhas que têm como cenário de atuação a cidade do Rio de Janeiro? Quais seus itinerários e percursos urbanos? Como se apropriam dos espaços da cidade onde moram? Que tipo de relações sociais estabelecem em seus cotidianos? Ao procurar refletir sobre as formas de sociabilidade<sup>7</sup> e, conseqüentemente, as redes de relações constituídas pelas senhoras desta pesquisa, um dos objetivos é, justamente, trazer à tona alguns aspectos de suas interações cotidianas, levando em conta que, como bem pontuam Berger e Luckman (1983, p. 40), a realidade da vida cotidiana apresenta-se como um “mundo intersubjetivo [...] De fato, não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros”. Além disso, busca compreender a noção de sociabilidade, em termos amplos, como um conjunto de relações sociais tecidas pelos indivíduos e as formas (SIMMEL, 1987, 2002) como estas são estabelecidas. Parafraseando Eckert e Rocha (2005), pode-se dizer que a cidade é, sem dúvida, um repositório de excedentes de sentido, e em seus territórios os sujeitos vivem cotidianamente estratégias de negociação de realidades, de opções de consumo, de escolhas de interação.

### **Os modos de “parecer”: etiquetas<sup>8</sup> do e no cotidiano**

É notório que a realidade cotidiana e as muitas tramas das interações sociais são marcadas por contínuas negociações que dependem da posição que os personagens ocupam, ao mesmo tempo que colocam em cena o jogo de

---

<sup>7</sup> Compreendo a noção de sociabilidade, em termos amplos, como um conjunto de relações sociais tecidas pelos indivíduos e as formas (SIMMEL, 1987, 2002) como estas são estabelecidas.

<sup>8</sup> Sendo uma formalização das relações sociais entre pessoas, grupos, espaços e posições sociais, a etiqueta expressa, constrói e modela, pelo regramento dos gestos, os limites da pessoa (HEILBORN, 2004, p. 59).

“representações do eu” (GOFFMAN, 1975). Não é por acaso que, durante uma conversa com uma travesti, na época com idade em torno de uns 40 anos, ouvi, pela primeira vez, falar da “síndrome do cotovelo”, referindo-se ao gesto corriqueiro que as pessoas fazem ao se tocarem com as pontas dos cotovelos quando elas entram em algum lugar, que Marlene (64 anos) me diga que prefere andar com mulheres ou que Luiza (68 anos) implicava com Rafaela, uma travesti mais jovem porque ela dava muito *na pinta*.

[...] eu entro em qualquer banheiro de mulher. Ninguém me olha, ninguém me cutuca. Agora se vai uma outra, o pessoal já olha: Eh! Tem uma bicha aí, não sei o quê. Eu não, já sou uma senhora; qualquer banheiro eu entro. Entrei no banheiro ontem no restaurante, a moça falou assim: esse banheiro aqui é horrível não tem uma ventilação. Eu falei: é mesmo. Não catam que eu sou travesti. Eu fiz por onde para chegar onde eu cheguei. De entrar em qualquer lugar e passar por senhora. Em Realengo, eu faço a linha porque ali tem que fazer mesmo.

Em *A representação do eu na vida cotidiana*, Goffman (1975) parte da metáfora de conceber a sociedade como um cenário, apostando numa perspectiva dramática da vida social, discorrendo sobre os inúmeros modos que o indivíduo usa para guiar e controlar as ideias que os demais formam dele. Assim, “manipulando as impressões” como um recurso estratégico, o indivíduo trata de apresentar uma imagem dele mesmo que resulte vantajosa e, ao mesmo tempo, seja crível aos demais<sup>9</sup>. Desse modo, os modos de apresentação de si (estendendo à construção do corpo), o uso da roupa, a fala, os gestos veiculam informações convencionais acerca da pessoa que o exerce, funcionando como marcas sociais que se posicionam frente ao outro nas relações na vida cotidiana. Le Breton (2006), por sua vez, considera que a apresentação física de si parece valer socialmente como apresentação moral.

Nesse ponto, a retomada da problemática em torno do comportamento e da conduta no espaço público, principalmente nas ruas, surge como aspecto fundamental para compreender alguns códigos ético-morais e padrões de comportamento (VELHO, 1999a) que tecem o universo simbólico travesti no contexto metropolitano pesquisado. O “saber se comportar” aparece nas falas das minhas interlocutoras como uma senha de acesso para entrada e

---

<sup>9</sup> De acordo com Goffman (1975, p. 221), “os valores culturais de uma instituição determinarão em detalhe o modo como os participantes se sentiram a respeito de muitos assuntos, e ao mesmo tempo estabelecerão um quadro de referência de aparências, que devem ser mantidas, quer existam, ou não, sentimentos por detrás delas”.

participação em outros espaços sociais e universos simbólicos para além do “meio” travesti e, em alguns casos, para manter uma boa convivência com os vizinhos, familiares e amigos. Além disso, tal tática está associada, principalmente, a uma astúcia de conseguir entrar e sair dos lugares e deslocar-se pela cidade, “passando batido” sem “dar pinta” e, no caso da maior parte das entrevistadas, “passando por senhora” em suas relações cotidianas.

Os sujeitos associados ao “universo trans” (BENEDETTI, 2005), como pude verificar juntamente com outros autores (SILVA, 1993; OLIVEIRA, 1997; KULICK, 2008; VENCATO, 2003; FERNANDEZ, 2004; PELÚCIO, 2009), em geral, desenvolvem concepções e práticas muito particulares acerca de suas performatividades<sup>10</sup> de gênero e do que é feminino e masculino<sup>11</sup> e, assim, fixam “papéis” e prescrevem comportamentos. Um dos argumentos que desenvolvi em minha pesquisa de mestrado foi o de que as travestis com quem convivi na época reivindicavam para si o fato de serem “confundidas com senhoras em seus cotidianos”. Passados alguns anos, no doutorado, com exceção de Sarita e Paola, não foi diferente. Com a passagem do tempo em seus corpos e mentes, em suas interações sociais e práticas cotidianas, elas procuram cada vez mais desempenhar uma “performance” de senhora, cada uma ao seu estilo, obviamente. Nesse sentido, penso que o depoimento da travesti Fernanda Albuquerque em seu livro autobiográfico *A Princesa* (1996) pode ser revelador:

De noche me ven todos. Si como puta quiero ganar un poco más de dinero tengo que exhibir mi cuerpo. Pero sólo de noche, sólo en las zonas adonde voy para ese tipo de trabajo. Por la tarde, o de noche, cuando no trabajo, me gusta, en cambio, vestir como una señora casada. Aunque no tenga marido, siempre me he comportado así. De día nunca me he paseado vestida como una puta; a mi me da asco una mujer que se comporta como una puta delante de toda la gente, delante de los niños o de las personas mayores. De día se debe tener un poco de respecto por uno mismo. Yo nunca me he

---

<sup>10</sup> Nesse sentido, concordo com Benítez (2006), que, ao empreender um estudo sobre as diferentes categorias autodenominativas encontradas em comunidades homossexuais, afirma que podemos pensar que a construção do *bicha*, *barbie* ou *urso* é uma experiência de gênero levada à prática mediante a repetição de atos estilizados e formas particulares de utilizar o corpo. “A prática faz o mestre”, essa prática ou repetição cria o hábito e este se incorpora. Assim, aprende-se a ser viril ou *pintosa*, o corpo é o instrumento que viabiliza esse aprendizado, aprende-se a “dar pinta” e a repeti-lo até naturalizá-lo, aprende-se a fazer uso de um corpo másculo (seja *urso* ou *barbie*, *metro gay* ou *bofe*), aprendem-se formas particulares de colocar esses corpos em cena, de mostrá-los e de possuí-los. Olhares, gestos, poses, movimentos das mãos e modos de caminhar são construídos e com eles produzem gênero.

<sup>11</sup> Alguns autores dedicaram seus estudos para refletir acerca das representações de gênero encontradas entre as travestis, aqui destacando o trabalho de Josefina Fernandez (2004).



desnudado de día, salvo en una playa [...]. Pero en los ambientes donde me movía de día era una señora y siempre era respetada (ALBUQUERQUE; JANNELLI, 1996, p. 130-131).

As interlocutoras que optam por “andar de mulher” e/ou “estar de mulher” (expressões êmicas) em seus percursos cotidianos adotam uma aparência discreta e “natural”, mais próxima, segundo elas, da aparência das mulheres. Mesmo aquelas que são mais “ousadas” em suas aparências e que usam roupas bem decotadas e mais justas no corpo tomam cuidado com “os excessos”, tendo como referência sempre os territórios que transitam socialmente. Por sua vez, aliando-se à entrada em outra etapa social e culturalmente demarcada como ciclo da vida, o processo de envelhecimento agudiza essa composição do gênero feminino numa mescla de discrição e naturalidade, na qual elas se apoiam para serem “confundidas” com senhoras. De um jeito ou de outro, “as maneiras de estar” elaboradas pelas travestis em seus cotidianos estão em conformidade com os territórios de sociabilidades desses sujeitos, ou seja, com suas territorialidades e temporalidades, constituindo-se enquanto sujeitos. Nesse sentido, Silva (2004, p. 14), apoiado em Perlongher (1987), propõe:

A territorialidade consiste na distribuição dos corpos no espaço, mas num espaço decodificado, em que determinadas sociabilidades – e não outras – são inscritas, uma distribuição que é tanto populacional quanto semântica ou retórica, num nível discursivo. Significa dizer que a territorialidade não se limita a um espaço físico, mas, sobretudo a um espaço do código, pois é este código que se inscreve num determinado lugar e lhe dá um sentido não apenas descritivo (o que é feito lá) e muito mais prescritivo (o que pode ser feito lá).

Um exemplo é Sara (62 anos), que, em seus percursos cotidianos, seja por Copacabana, onde mora, seja para ir à cidade, seja simplesmente para passear durante o dia, adota a “linha menino”<sup>12</sup>, utilizando roupas de corte masculino, cabelos presos em um rabo de cavalo, todavia numa construção do gênero masculino menos “rígida” do que as desempenhadas em épocas passadas, na juventude, quando se esforçava para “parecer machão” em alguns desses contextos.

---

<sup>12</sup> É interessante que, mesmo nesses casos, para um bom observador, há sempre algo que “as denuncia”, mesmo em sua aparência masculina. Certa vez, Sara comentou comigo que estava em um dos vagões do metrô na estação arco verde em Copacabana e, ao oferecer seu lugar para uma senhora idosa, percebeu que ela ficou olhando de forma estranha: *com certeza percebeu minha sobancelha feita* – algo do feminino que sempre pode aparecer, requerendo nesses casos uma vigilância contínua.

No caso de Sara, como já assinalado, a “produção da feminilidade” ficou circunscrita a determinados eventos sociais, por exemplo, quando saía à noite para fazer *shows*, nos bailes de carnaval. Em relação à Laura (68 anos), pude perceber que, em alguns momentos de seu cotidiano, quando saía à rua, compunha sua aparência numa mescla de roupas e acessórios tidos como próprios das indumentárias masculinas e femininas, ou seja, num estilo mais “unissex”, usando, por exemplo, blusas soltas no corpo, calça jeans de corte masculino, boné para esconder os cabelos<sup>13</sup>, sem nenhuma maquiagem no rosto. Para Silva e Florentino (1996a, p. 116), a travesti demonstra a possibilidade do trânsito, “a possibilidade de ir, vir ou mediar, demonstra que não sou mulher, mas sim, ‘estou mulher’ bem como poderia estar outra coisa [...] opta pelo tipo de mulher: estar prostituta, estar recatada, estar artista, estar [...]”.

No caso das minhas interlocutoras, que em sua vida cotidiana “estão de mulher” e “almejam passar por senhora”, observo que elas lançam mão de táticas e astúcias (DE CERTEAU, 2008) que visam, na maioria das vezes, dissimular “a identidade travesti” ou revertê-la afirmativamente. São táticas tais como o caso “de fazer a linha”, “artes de composição”, modos de “manipular impressões” indesejadas, que visam em linhas gerais “não chocar”, evitar confrontos e conflitos em suas interações sociais com seus vizinhos, parentes e colegas de trabalho e, principalmente, não vivenciar o papel de estigmatizadas (GOFFMAN, 1975). Tais táticas funcionam como marcadores de prestígio entre elas.

A meu ver, as táticas empregadas por elas para manipular impressões indesejadas, no caso de “reversão afirmativa” de suas imagens, estão diretamente relacionadas com as representações sociais sobre as travestis na sociedade brasileira, normalmente associada à marginalidade<sup>14</sup> e a formas de ser e de comportar-se pejorativas, ou seja, são tidas como agressivas, violentas e perigosas<sup>15</sup>. Tais representações, por sua vez, têm como referência o fato de a experiência travesti estar, sobretudo, vinculada ao universo da prostituição e a carga simbólica relacionada a essa prática (RAGO, 2006). Como venho apontando, são representações que elas mesmas acionam para dar cabo aos seus “sistemas de acusações” (BECKER, 1977) com relação ao grupo mais amplo<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> Os cabelos compridos e soltos como uma das grandes marcas de feminilidade.

<sup>14</sup> Não esqueçamos de todo o imaginário social em torno da figura de Madame Satã.

<sup>15</sup> O fato de as travestis nos anos 1980 no Rio de Janeiro se cortarem com navalhas no intuito de evitar eventuais coerções policiais e detenções contribui, a meu ver, para alimentar essas representações.

<sup>16</sup> Um exemplo bastante interessante são justamente as inúmeras expressões classificatórias presentes no universo travesti e no das homossexualidades, que servem para criar hierarquias entre seus membros. A partir da minha experiência de campo, posso destacar algumas como: *bicha podre* (marginal e que faz barraco), *viciosa* (que está sempre à procura de um parceiro sexual), *bicha pobre*, entre outras. Henning (2008) também encontrou entre os sujeitos que transitam pela cena GLS de Florianópolis uma miríade de expressões desse tipo, destacando suas interseções com marcadores sociais como gênero, geração, corporalidade, classe e raça, demonstrando a complexidade que envolve essas “configurações hierarquizantes”.

Por sua vez, a articulação entre bom comportamento, discrição e inserção social não é nenhuma novidade e já foi exposta por Silva (1993, 1996b) e Oliveira (1997) e constatada por mim durante pesquisa de mestrado. No entanto, penso que é importante destacar mais uma vez, pois ainda é um elemento extremamente presente no âmbito de suas relações cotidianas, visto como um “valor” também em suas redes de sociabilidades num sentido mais amplo. Lembremos com Norbert Elias (1990) de todo arsenal de etiquetas e de condutas visando o controle das emoções e pulsões que são parte do processo civilizador que configurou a sociedade moderna. Ainda que apresentando o desenrolar de um jogo social singular de valores, comportamentos e códigos ético-morais (SIMMEL, 1987), a sociedade brasileira e seus grandes centros metropolitanos persistem na disseminação de uma “moral patriarcal” (COSTA, 1979) como padrões de conduta das relações de sexo e gênero, seja na esfera privada, seja na pública. Nesse sentido, cabe insistir que, se a cidade é o espaço da liberdade, da fragmentação e da heterogeneidade, foi também na cidade que se construiu um sistema de controle, de disciplinarização do indivíduo moderno (OLIVEIRA, 2002).

Os estudos de Foucault (1982, 1987, 1999) sobre o nascimento da medicina social e dos asilos na cidade moderna são um exemplo concreto da intervenção dos mecanismos disciplinares na construção subjetiva dos gêneros, a partir do “controle sobre os corpos”. Seja “pelo recorte mesmo da cidade, seja pela localização das famílias (cada uma numa casa) e dos indivíduos (cada um num cômodo)”, seja até mesmo pela “normalização dos comportamentos, pressões que a própria organização da cidade exerce sobre a sexualidade” e sobre a higiene das famílias<sup>17</sup>, a modernidade origina novos regimes de ordenamento e controle moral dos espaços tanto públicos quanto privados (FOUCAULT, 1999, p. 299). São regimes de ordenamento e controle moral dos corpos, dos quais os sujeitos travestis por mim investigados, em seus itinerários urbanos, procuram “escapar”, moldando seus territórios de vida e de trocas sociais nos “moldes” de suas memórias dos “passos perdidos” (DE CERTEAU, 2008), na direção de uma *cidade ordinária*.

Sem dúvida, é relevante considerar uma significativa mudança com relação à presença e circulação das travestis em termos amplos na cidade do Rio de Janeiro<sup>18</sup>. A esse respeito, Silva (1993) observa que foi somente nas últimas décadas do século XX que as travestis deixaram de ser tidas como

---

<sup>17</sup> Como Jurandir Freire Costa (1979) bem apontou a respeito da importância da higienização das famílias na consolidação do Estado Moderno no Brasil e urbanização das cidades.

<sup>18</sup> Como também em outras cidades brasileiras, como observaram Oliveira (1997) e Córdova (2006) em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

“enigmas”, figuras estreitamente vinculadas ao carnaval e ao mundo do teatro, e passaram a integrar-se à vida urbana de modo mais banalizado e assim em constante processo de negociação da realidade. Para o autor, a travesti se constituiu como fruto histórico do asfalto e das grandes aglomerações urbanas (SILVA, 1993, p. 39). Por sua vez, as trajetórias sociais das travestis participantes desta pesquisa são expressões singulares e complexas desse panorama salientado por Silva (1993) para o caso do Rio de Janeiro. Enquanto “as artistas” contam que somente podiam vestir-se de mulher dentro do teatro, Raquel (68 anos), quando *fazia pista*, tratava de arriscar-se pelas ruas da cidade, atenta à proximidade do camburão da polícia.

Sem dúvida alguma, à medida que a sociedade brasileira se industrializava e se urbanizava ao longo do século XX, mais especificamente, nas suas últimas décadas, quando se modernizou e se complexificou, as transformações no que se refere às questões da sexualidade, das relações de gênero e dos padrões de comportamentos a elas associadas ocorreram de forma mais contundente no contexto das grandes metrópoles do país. Nesse processo, ressalta-se a importância das lutas dos movimentos feministas e homossexuais (MACRAE, 1990) que, atuando no campo dos projetos sociais, ampliaram o campo de possibilidades dos projetos de vida (VELHO, 1999a) do sujeito travesti para o caso das grandes capitais brasileiras. Parece ser o caso da geração onde se situam as redes sociais de travestis por mim pesquisadas que lhes possibilitou um trânsito por universos simbólicos diferentes daqueles das travestis de outras épocas. Todas elas são unânimes em afirmar que as travestis hoje se situam em uma outra realidade social, considerando-se a ordem social do contexto metropolitano carioca de sua juventude: “na nossa época tudo era escândalo”. Todas as minhas parceiras de pesquisa são conscientes da importância de seu “engajamento” no panorama das lutas sociais que transformaram a sociedade brasileira nas últimas décadas do século XX, tornando-se ao longo desse tempo “senhoras de seus percursos” urbanos.

Tais transformações no campo dos projetos sociais e dos projetos individuais envolvem a superação de conflitos no âmbito das práticas sexuais, das relações de gênero e dos padrões de comportamentos a elas associados no espaço público das grandes metrópoles brasileiras. Apoiada em Simmel (1987; 2002), penso que o conflito como forma pura de socialização é tão necessário para a vida dos indivíduos em relação a outros indivíduos e/ou grupos sociais, em termos de sua continuidade no interior dos territórios da vida urbana, quanto o consenso. Nesse sentido, tanto o conflito como o consenso são elementos indispensáveis para resolução das divergências e a promoção de mudanças de uma forma de organização social para outra. O conflito, assim,

não é patológico nem nocivo à vida social, pelo contrário, é condição para sua própria manutenção. Em parte, acredito que situações discriminatórias e estigmatizantes vividas por minhas interlocutoras de pesquisa em suas trajetórias sociais, ao promoverem o seu confronto com valores e normas sociais patriarcais, possibilitaram uma margem de “manobra” no interior dos paradigmas socioculturais relacionados às práticas sexuais e às relações de gênero no corpo da sociedade brasileira.

Cito como exemplo a situação social vivenciada por Raquel (67 anos), quando foi tirar sua carteira de transporte público gratuito na estação do metrô da Central do Brasil, no Centro da cidade do Rio de Janeiro:

Eu fui providenciar o meu RIOCARD SÊNIOR, quando cheguei eu tive que conversar e dar os meus dados para a funcionária. Quando chegou a hora de tirar a foto no computador para o cartão a funcionária me disse que eu não podia tirar a foto, pois tinha que ser a pessoa que estava inscrita, teria de ser o Sr. José Barbosa, meu marido, que paga as minhas contas. Aí eu tive que explicar a funcionária que essa pessoa era eu mesma. Ela ficou sem entender nada, pois ela jurava que eu era uma senhora, aí a gente ficou conversando, eu expliquei a ela que queria mudar meu nome de batismo para Raquel, mas ainda não podia. Ela então perguntou se eu não gostaria de colocar o nome que eu uso no social. Eu falei para ela que era tudo o que eu queria. Ela perguntou se eu queria colocar no cartão o Raquel Barbosa e fazer a retirada do nome José. Não, pode deixar o José, pois tem Maria José, Maria João, por que não Raquel José? E aí a funcionária falou isso é para a senhora não sofrer constrangimentos nas roletas dos ônibus.

O depoimento de Raquel coloca em evidência, para além da afirmação/confirmação constante da eficácia de sua “performatividade do feminino”, a problemática da vivência da travestilidade em contexto metropolitano. A situação vivida em interação face a face (GOFFMAN, 1975) por Raquel é um bom exemplo, sob meu ponto de vista, de como as “situações” podem ser revertidas durante as práticas de interação e a partir das astúcias dos participantes, inventando, portanto, constantemente o jogo social e, em última instância, a própria experiência da travestilidade.

Ao dar ênfase às formas de manipulação do estigma realizadas pelas travestis em suas interações sociais, a intenção é menos sublinhar uma ideia de vitimização com relação a esses sujeitos do que enfatizar a maneira inteligente que encontraram para operar com o conflito – como agente e um “ser no mundo”. Uma situação de conflito que poderia restringir suas formas de sociabilidade na esfera pública e colocá-las como vítimas é reinventada em novas práticas sociais suficientemente articuladas para alterar até mesmo “normas disciplinares” (DE CERTEAU, 2008). Sem dúvida, conforme coloca Velho (1999a), é precisamente no seio de uma sociedade moderno-contemporânea, que tem como característica os postulados da ideologia individualista (DUMONT, 1985) e onde o indivíduo se destaca como valor, que é possível compreender as senhoras travestis como donas de suas vidas vividas e de seus percursos. De acordo com Da Matta (1997), para o caso da sociedade brasileira, o espaço da rua seria por excelência o lócus do indivíduo, de individualização, “zona onde cada um deve olhar por si enquanto Deus olha por todos”. Espaço da circulação de estranhos e onde nos sentimos protegidos pelo “anonimato relativo” (VELHO, 1999a), em decorrência do “caráter altamente diferenciado da organização da produção nas grandes cidades da sociedade industrial, com seu gigantismo paralelo”, a rua oferece aos seus habitantes uma oportunidade singular de desempenhar papéis diferentes em meios sociais distintos não coincidentes e, até certo ponto, estanques (VELHO; MACHADO, 1977, p. 80).

Um dos argumentos de Da Matta (1997), em seus trabalhos, é precisamente o fato de ser característica da sociedade brasileira a coexistência entre as noções de indivíduo (modernidade), entendido a partir de autonomia e igualdade, com direitos de escolhas, e a noção de pessoa (ligada a uma tradição patriarcal e hierárquica), nesse caso, somos seres relacionais, membros de um grupo familiar, de vizinhos etc. Segundo o autor, conforme o contexto em que transitamos, podemos experimentar a condição de indivíduo – na rua – ou a de pessoa – na casa. É o próprio Da Matta (1997) que ressalta o caráter complexo da relação entre a casa e a rua para a sociedade e a cultura brasileira. Do mesmo modo, Magnani (1996) pontua a relevância de se pensar as diferentes formas de apropriação social dos espaços na rua, gerando modalidades distintas segundo as formas de sociabilidade ali presentes, sejam como manchas, sejam como pedaços, por exemplo.

Nessa perspectiva, minhas interlocutoras revelam que seus locais de trabalho e os bairros onde residem na condição de pedaços praticados – através

de suas caminhadas e percursos – vão sendo construídos segundo um sentido de *ser* e *estar* na cidade (ECKERT; ROCHA, 2005) que se transfigura no tempo de suas vidas. Sob esse ângulo, suas relações com o contexto metropolitano foram mediadas pelas suas formas de relacionar-se e apropriar-se de seus bairros de moradia e/ou trabalho ao longo de sua existência, onde algumas delas experimentam a cidade, ora a partir da noção de pessoa, como Laura, que em seu bairro é tratada como Laurinha e Dona Laura, ora como indivíduo, como no caso de Raquel, segundo a singularidade de seus apelidos.

De acordo com Lins de Barros (2006a, p. 21), a cidade deve ser pensada por diferentes imagens, configuradas em função da particularidade da experiência e do *habitus* de cada geração. Tal fato é uma verdade no que se refere aos sujeitos travestis por mim estudados, ainda que, em seus cotidianos e interações sociais, as travestis de hoje tenham que lidar, assim como as “travestis das antigas”, com a ambiguidade em relação às suas escolhas de gênero e aos usos do seu corpo, numa transgressão em relação às normas de gênero e de sexo com base nos postulados hegemônicos de uma ordem patriarcal que se mantém como padrão moral da sociedade brasileira.

Por fim, salientei que, no caso da rede social por mim investigada, das “travestis das antigas”<sup>19</sup>, as formas de vestir, maquiarse, de andar, de falar, os gestos são elementos constituintes do processo de *montagem* do sujeito travesti e representam, assim, um processo de construção de uma apresentação convincente do ponto de vista das travestis de sua “feminilidade” (BENEDETTI, 2005). É justamente essa “apresentação convincente” nos itinerários urbanos cotidianos, em seus locais de moradia e em seus bairros que lhes possibilita uma “eficaz” (no sentido de passar por mulher e/ou senhora) circulação pelos diferentes espaços na cidade em seus percursos urbanos. Por sua vez, Norbert Elias (1990) salienta que a experiência das pessoas que envelhecem deve ser compreendida no interior da forma como o processo de envelhecimento produz uma mudança fundamental da posição de uma pessoa numa dada sociedade e cultura e, portanto, no interior de suas relações sociais. Essa afirmação do autor me faz refletir sobre a relevância da dimensão geracional para se pensar a natureza dos laços e vínculos sociais tecidos pelas travestis por mim pesquisadas no contexto da vida urbana do Rio de Janeiro.

---

<sup>19</sup> *Das antigas* é uma das expressões utilizadas por elas em seus processos identificatórios com relação ao “grupo social” mais amplo.

## Considerações finais

É necessário considerar aqui, além das mudanças na cidade do Rio de Janeiro, aquelas transformações associadas à entrada de minhas parceiras de pesquisa em outra etapa dos seus ciclos de vida. Acompanhando seus deslocamentos pela cidade, dentro e fora de seus locais de moradia, ficava evidente com o processo de envelhecimento um movimento de contração da sociabilidade “pública”, sendo que em alguns momentos pude perceber em suas narrativas uma espécie de rejeição a determinadas formas de sociabilidade de outrora, vividas principalmente na juventude.

Outro aspecto mencionado por elas refere-se às transformações pelas quais a cidade do Rio de Janeiro e alguns de seus bairros vêm passando nas últimas décadas. As imagens da violência, do perigo, do medo e da insegurança influenciam, segundo elas, as formas de ocupação dos espaços públicos que elas vêm realizando, seja em seus bairros de moradia, seja naqueles onde trabalham. A temática da violência urbana (ZALUAR, 1996; ECKERT, 2002) é matéria de suas representações da cidade no presente em profundo contraste com o Rio “de antigamente”, uma cidade muito mais tranquila e “que se podia sair despreocupado pelas ruas”. Vale salientar ainda que Lins de Barros (1997, 2006a) também verificou em suas pesquisas com velhos moradores da cidade do Rio de Janeiro essas representações da cidade envolta em um *passado idílico*.

Hoje são outros os corpos que elas constroem para a sua identidade “trans” na cidade do Rio de Janeiro (ela própria já outra!). A antiga imagem do corpo altamente erotizado e sexualizado da travesti já não é mais, em grande medida, um elemento de destaque no jogo do social das minhas interlocutoras de pesquisa. São como 'senhoras' que elas circulam pelos diferentes territórios citadinos. Nesse sentido, talvez a corporalidade da travesti que tanto fascina quanto incomoda e constrange, tendo em vista o “estigma” com relação ao “corpo envelhecido” (MOTTA, 2002) em nossa sociedade, resulte, finalmente, envolvida por certa “docilidade”(FOUCAULT, 1987). De certo modo, a antiga erótica corporal perde seu lugar de *glamour* na *mise-en-scène* da “identidade trans” no espaço de prática da vida metropolitana de minhas parceiras de pesquisa, dando lugar à emergência da situação de envelhecimento como um fenômeno a ser acomodado por elas (DEBERT, 2000a, 2000b; PEIXOTO, 2000a, 2004; LINS DE BARROS, 2000, 2006a), o que, por sua vez, transcorre de maneira complexa.

Afinal, para alguma delas, a travesti é sempre capaz de seduzir, *não tem idade*. Então, como 'senhoras' entram em cena as táticas, astúcias e saberes para manter-se feminina, sedutora, *sexy* e desejável. Se, por um lado,



buscam afastar-se dos estereótipos da “identidade trans” associados à velhice no contexto da vida cidadina, acionando uma “identidade de senhora” (SIQUEIRA, 2004), por outro, procuram reverter em parte esse possível estigma a seu favor, ao operarem de forma inteligente com o envelhecimento de seus corpos em suas interações sociais no espaço público, em referência à ideia de respeito e dos direitos “assegurados” aos cidadãos idosos na sociedade brasileira.

Enfim, através de seus itinerários urbanos, pude observar as modalidades de laços sociais que mantinham com outros atores sociais e os processos de construção de suas identidades sociais-sempre-negociadas, segundo suas escolhas de trajetos e percursos em articulação com suas performatividades de gênero.

## Referências

- ALBUQUERQUE, Fernanda Farias; JANNELLI, Maurizio. *A Princesa*. Traducción de Joaquín Jordá. Barcelona: Anagrama, 1996.
- ALVES, Andréa Moraes. *A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- \_\_\_\_\_. “Velhice, mudança social e percepção do risco”. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 213-236.
- ANTUNES, Gomes Catarina; VIEGAS, Susana de Matos. *A identidade na velhice*. Lisboa: Âmbar, 2007.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. “Sexo e envelhecimento”. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 86-108.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O Segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENÍTEZ, Maria Elvira. Corpo, gênero e posições de sujeito em comunidades homossexuais. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 30. *Anais...* Caxambu, out. 2006. (GT 22: Sexualidade, Corpo e Gênero).
- BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BERGSON, H. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. Gostos de Classe e Estilos de Vida. In: ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1989.p.82-121.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-172.

CABRAL, Benedita E. S. Lima. *A vida começa todo dia*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 159-168, 1997.

\_\_\_\_\_. *A sociabilidade, alternativa de solidariedade na velhice*. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 20, *Anais...Vitória*, 1998.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

CÓRDOVA, Luiz F. N. *Trajatórias de Homossexuais na Ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços*. 2006. Tese. (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós- Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/UFSC, Florianópolis.

CSORDAS, Thomas. *Introduction: the body as representation and being-in-the world*. In: CSORDAS, Thomas J. (Org.). *The Existential Ground of Culture and Self*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p.1-24.

DA MATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBERT, Guita Grin. *Envelhecimento e representações sobre a velhice*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6. *Anais... Caxambu*, 1988.

\_\_\_\_\_. *Gênero e envelhecimento. Os Programas para a Terceira Idade e o movimento de aposentados*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 33-61, 1994.

\_\_\_\_\_. *Envelhecimento e curso de vida*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 120-128, 1997.

\_\_\_\_\_. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999 (2002).

\_\_\_\_\_. *A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade*. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). *Velhice ou Terceira Idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*, Rio de Janeiro: FGV, 2000a. p.49-68.

\_\_\_\_\_. *Terceira Idade e Solidariedade entre gerações*. In: DEBERT, G; GOLDSTEIN, D. M. (Orgs.). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Sumaré, 2000b. p.301-317.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

DENIZART, Hugo. *Uma erótica da prótese e da exuberância*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ECKERT, Cornelia. A saudade em festa e a ética da lembrança. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 182-192, 1997.

\_\_\_\_\_. A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetórias de velhos moradores de Porto Alegre. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos E. A. (Org.). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 73-102.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. *O Tempo e a Cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FERNANDEZ, Josefina. *Cuerpos desobedientes: travestismo e identidad del género*. Buenos Aires: Edhasa, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento das prisões*. 6. ed. Tradução de Ligia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *A microfísica do poder*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

\_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

GOLDENBERG, Miriam (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOLDENBERG, Miriam; RAMOS, Marcelo S. A civilização das formas: “o corpo como valor”. In: GOLDENBERG, Miriam (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-40.

GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP & Aed, 2002.

HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HEAP, Chad. *The City as a Sexual Laboratory: the Queer Heritage of the Chicago School*.

*Journal Qualitative Sociology*, v. 26, n. 4, p. 457-48, dec. 2003. (Humanities, Social Sciences and Law).

HECK, R. M.; LANGDON, E. J. M. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em comunidade rural. In: MINAYO, M. C. S; COIMBRA JUNIOR, C. E. A. (Org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 129-152.

HEILBORN, Maria Luiza. Corpos na cidade: sedução e sexualidade. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 19

99. p.98-108

\_\_\_\_\_. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HENNING, Carlos Eduardo. As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Tradução de Cezar Gordon. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Tradução de Sonia M. S Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2006.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_. Memória e família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

\_\_\_\_\_. Velhice na contemporaneidade. In: PEIXOTO, Ehlers Clarice (Org.). *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.13-22

\_\_\_\_\_. Redes sociais e cotidiano de velhos num subúrbio carioca. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 2, p. 233-246, 2001.

\_\_\_\_\_. O passado no presente: aos 70 falando do Rio de Janeiro. *Cadernos de Antropologia e Imagem - A cidade em imagens*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4, p. 91-119, 1997.

\_\_\_\_\_. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: LINS DE BARROS, Myriam (Org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: FGV, 2006a. p. 17-38.

\_\_\_\_\_. Trajetória dos estudos sobre velhice no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 52, p. 109-132, 2006b.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MAGNANI, José Guilherme Castor. Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na Metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lillian de Lucca (Org.). *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996. p.1-30

MOTTA, Alda Brito. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, Ehlers Clarice (Org.). *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 109-144.

\_\_\_\_\_. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos E. A. (Org.). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 37-50.

NAMASTE, Viviane K. Genderbashing. Sexuality, Gender, and the Regulation of Public Space. *Environmental Planning D: Society and Space*, London, v. 14, p. 584-600, 1996.

OLIVEIRA, Marcelo Dias de. O lugar do travesti em desterro. 1997. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina/PPGAS/UFSC, Florianópolis.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 36-41. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso: abr. 2009.

ORTNER, Sherry. Está a Mulher para o Homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise (Org.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para investigações do comportamento social no meio urbano. In: VELHO, O. G. (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979[1916]. p.25-66.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

PEIXOTO, Clarice. *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000a.

\_\_\_\_\_. Entre o estigma e a compaixão, e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). *Velhice ou Terceira Idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: FGV, 2000b. p.69-84.

\_\_\_\_\_. Histórias de mulheres, de envelhecimento e de sexualidade. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, Donna (Org.). *Políticas do corpo e curso da vida*. São Paulo: Sumaré, 2000c. p.293-299.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. Sexualidade e Identidade na historiografia brasileira. In: SILVA, José Glaydson (Org.). *Revista Aulas* (Dossiê de Identidades Nacionais), Campinas, n. 2, out./nov. 2006.

ROSALDO, Michelle. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 1, n.1, p.11-36, 1995.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Iser, 1993.

SILVA, Hélio R. S.; FLORENTINO, Cristina de Oliveira. A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (Org.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/IMS/UERJ, 1996a. p.105-118.

\_\_\_\_\_. *Certas Cariocas: travestis e vida de rua no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996b.

SILVA, Marco Aurélio. *Se manque: uma etnografia do carnaval no pedaço GLS da Ilha de Santa Catarina*. 2003. 134f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

\_\_\_\_\_. O carnaval das identidades: homossexualidade e liminaridade na ilha de Santa Catarina. In: SANTIN, Myriam Aldeman (Org.). *Revista Grifos: Dossiê Gênero e Cidadania*. Chapecó: Argos Ed Universitária, v. 16, p. 53-76, maio 2004.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio, G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p.10-24.

\_\_\_\_\_; MORAES FILHO, Evaristo (Org.). *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. *Sobre la individualidad y las formas sociales*. Quilmes: Universidade Nacional de Quilmes, 2002.

SIQUEIRA, Monica Soares. *Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice*. 2004. 148f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999a.

\_\_\_\_\_. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999b.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999c. [1974].

\_\_\_\_\_. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002a. [1973] (Antropologia Social).

\_\_\_\_\_. *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999d.

\_\_\_\_\_; MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. Organização social do meio urbano. *Anuário Antropológico* 76. Tempo Brasileiro, 1977. p. 71-82.

VENCATO, Anna Paula. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. *Cadernos AEL: Homossexualidade, Sociedade, Movimento e Lutas*, Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 185-218, 2003.

ZALUAR, Alba. *Da revolta ao crime S.A.* 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.